

# PARATEXTOS EDITORIAIS DE TRADUÇÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA EM CONCEIÇÃO EVARISTO

## *EDITORIAL PARATEXTS OF TRANSLATION AND THE LITERARY CRITIC IN CONCEIÇÃO EVARISTO*

Antoniele de Cássia Luciano<sup>1</sup>

**RESUMO:** Críticos literários no Brasil, em especial na academia, tendem a direcionar sua atenção a aspectos relacionados à literariedade e à recepção dos textos analisados. A discussão costuma ser menor envolvendo paratextos editoriais, sobretudo os criados por tradutores. Nesse contexto, este artigo analisa como a crítica avalia prefácios e notas de tradutores na obra de Conceição Evaristo, nas versões em inglês e francês de *Ponciá Vicêncio* (2003). O resultado é um breve panorama de como desafios da tradução de Evaristo e de elementos da cultura brasileira são trabalhados.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; paratextos editoriais; tradução.

**ABSTRACT:** Literary critics in Brazil, especially in the academy, usually direct their attention to aspects related to the reception of the texts analyzed. The discussion involving editorial paratexts is usually frequent, especially those created by translators. In this context, this article analyzes how the critic evaluates prefaces and notes added by translators to the text of Conceição Evaristo, in the English and French versions of *Ponciá Vicêncio* (2003). The result is a panorama of how the challenges of the translation of Evaristo's writing and the elements of Brazilian culture are presented.

Keywords: Conceição Evaristo; editorial paratexts; translation.

### 1. INTRODUÇÃO

Textos não existem em si mesmos, isolados de toda a materialidade. Essa condição, trazida por Roger Chartier (1999) em *A Ordem dos Livros*, chama atenção para

---

<sup>1</sup> Doutoranda, UFPR.

intermediários existentes no ciclo de produção e circulação dos livros (DARNTON, 1990) e, também, para a maneira como tais textos são apresentados ao leitor. São aspectos que vão influenciar o sentido que determinada obra passará a ter junto a quem a recebe. Para além das palavras escritas pelo autor, as formas materiais que acompanham o livro contribuirão para moldar as expectativas do leitor (CHARTIER, 1999, p. 17).

Nesse sentido, os chamados paratextos editoriais surgem como uma espécie de vestíbulo para o texto, já que têm a capacidade de tornar livros estes escritos. De acordo com o teórico francês Gérard Genette (2009), o texto literário raramente se apresenta em estado nu. Na maioria das vezes, há o acompanhamento de produções verbais ou ilustrativas, que oferecem variadas informações ao leitor, como título, autoria, condições de escrita e público. Isso pode estar, por exemplo, em notas de rodapé, prefácios e quarta capa. Importante ressaltar que paratextos são escolhas do autor ou do editor da obra e que, mesmo não tendo constância em publicações, carregam sempre uma intenção que justifica sua existência, isto é, um aspecto funcional (GENETTE, 2009, p. 10-17).

A partir desse contexto, este artigo tem como objetivo apresentar o trabalho da crítica literária acadêmica em relação à produção de paratextos editoriais que podem auxiliar na compreensão da obra traduzida de Conceição Evaristo nos Estados Unidos e na França. Ícone contemporâneo da literatura afro-brasileira, a autora teve o romance *Ponciá Vicêncio* (2003), o primeiro de sua carreira, traduzido para o inglês (2007) e o francês (2015). Em ambas as situações, tradutoras optaram por utilizar prefácios e notas de rodapé como forma de introduzir a seu público-alvo alguns elementos da cultura brasileira e da história de vida da escritora.

Embora os paratextos criados por tradutores não sejam debatidos por Genette (2009), eles constituem elementos semelhantes aos inseridos nos livros por autores e editores. Mesmo assim, ainda são pouco discutidos entre a crítica. No caso dos livros da

escritora mineira, a maior parte dos críticos se debruça em avaliações sobre a literariedade presente nos textos e aspectos da recepção junto ao público. Tendo isso em vista, este estudo se sustenta na crítica desenvolvida por Marcela Iochem Valente, Luciana de Mesquita Silva e Rosângela de Oliveira Silva de Araújo, pesquisadoras da área de Letras no Rio de Janeiro e na Paraíba que, em seus artigos consultados, desenrolam desafios da tradução de Evaristo mundo afora e como paratextos podem ser úteis em um cenário de diferenças culturais e sociais. As publicações, disponíveis em meio digital, foram lançadas entre 2010 e 2017.

## 2. AUTORA E OBRA

Nascida em 1946, em Belo Horizonte (MG), Maria da Conceição Evaristo, hoje doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e, recentemente, candidata a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), teve uma juventude marcada pela pobreza e discriminação racial. Foi lavadeira, empregada doméstica, babá e professora primária. Estreou na literatura em 1990, já radicada no Rio de Janeiro, publicando contos e poemas em antologias dos *Cadernos Negros*.

Participante ativa de movimentos de valorização da cultura negra, a escritora conseguiu transpor experiências de vida para a temática de suas produções, a partir do que ela mesma definiu como *escrevivência* — escrita que reúne memória e ficção. O termo é usado por Evaristo desde a sua dissertação de mestrado, defendida em 1996, para conceituar a escrita marcada pela experiência de raça, gênero e classe.

Assim, por meio da *escrevivência*, a autora traz um olhar diferente para situações em que os sujeitos negros são marcados por criações carregadas de estereótipos. Evaristo dialoga com pontos de silêncio presentes na escrita considerada canônica e na história oficial. Nas palavras da pesquisadora Cristiane Côrtes,

Levando a questão da identidade e diferença para o texto literário, a *escrevivência* teria esse duplo papel de releitura ou rasura da história e de reversão do estereótipo de mulher negra no país, pois tem à frente mulheres intelectuais e conscientes do poder de transformação da leitura e da escrita. (CÔRTEZ, 2016, p. 53).

Nessa dinâmica, Evaristo pontua que memória e ficção tendem a se misturar para que o escritor possa, então, cumprir sua tarefa:

Nesse sentido, o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento [...]. (EVARISTO, 2009, n.p.).

O primeiro livro de Evaristo publicado foi *Ponciá Vicêncio* (2003), cujo uso de paratextos nas traduções para o inglês e o francês, como citado anteriormente, será destacado neste artigo. A mineira é autora ainda de *Becos da Memória* (2006), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Além do conceito de *escrevivência*, sua obra é marcada pela enunciação como mulher negra, brasileira, consciente de sua negritude (BERND, 1988) e que busca dar voz à população marginalizada no país.

Lançado em 2003 pela editora Mazza, *Ponciá Vicêncio* aborda, em linhas gerais, a trajetória de uma jovem negra, neta de escravos e de um homem que se beneficiou da Lei Áurea. A família vive nas terras que pertenciam ao coronel Vicêncio, que lhes deu o sobrenome e a tal propriedade como um “presente de libertação”. Contudo, para que mantivessem o direito de posse das terras, Ponciá, os pais e os irmãos deveriam continuar trabalhando no local.

Assim, cansada da vida que levava, sem qualquer chance de mobilidade social, a protagonista decide se mudar para a cidade grande após a morte do pai. Ela passa por inúmeras dificuldades e chega a desejar voltar para o campo. Consegue um emprego de doméstica e, após muitos anos, compra um quartinho em um morro na periferia. Ao voltar para o campo para buscar os familiares que restaram, a casa está vazia. Iniciam-se os desencontros, até que Ponciá, a mãe e o irmão conseguem se juntar novamente e retornam ao campo. Dessa vez, porém, sem esperanças de que a vida deles poderia melhorar na zona urbana. A história é marcada por perdas (a protagonista perde sete filhos ao longo da narrativa); violência doméstica; desaparecimento de familiares; e inquietações da personagem que servem como denúncia sobre o mito da democracia racial após a Lei Áurea. “A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia” (EVARISTO, 2003, p. 83).

Reimpresso em 2005, *Ponciá Vicêncio* ganhou ainda uma edição de bolso em 2006 e se tornou obra de leitura obrigatória em vestibulares de instituições de ensino público de Minas Gerais, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná. Mais tarde, a tradução para o inglês, pela editora Host, em 2007, e para o francês, pela editora Anacaona (2015), demandou paratextos para esclarecer ao leitor aspectos ideológicos e históricos, como a questão da Lei Áurea no Brasil, último país a abolir a escravidão na América.

### 3. CRÍTICA E TRADUÇÃO

Considerando a complexidade de relações históricas e étnicas que a narrativa de *Ponciá Vicêncio* apresenta, a inclusão de paratextos editoriais nas edições traduzidas de Conceição Evaristo ganhou espaço entre parte da crítica especializada na autora. A

temática baseou o trabalho de Marcela Iochem Valente, doutora em Letras e professora adjunta do setor de Língua Inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); de Luciana de Mesquita Silva, doutora em Letras e professora de Língua Portuguesa e Inglesa no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ); e de Rosângela de Oliveira Silva de Araújo, também doutora em Letras e então professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). As três publicaram artigos em periódicos literários sobre o papel dos paratextos no diálogo entre tradutor e leitor de *Ponciá Vicêncio* no exterior, o que inclui a Revista Aletria (2015), Translatio (2017), Cadernos Imbondeiro (2010), além do portal de notícias Literafro (2018), mantido pela Faculdade de Letras da UFMG.

Marcela Iochem Valente, cuja produção crítica sobre Evaristo é a mais densa — esta autora fez parte da temática de sua tese de doutorado —, considera que é importante que o tradutor permita que o texto seja o mais inteligível possível ao leitor. Isso, acrescenta ela, foi feito de diferentes formas nas traduções do romance em tela. No inglês, tal diálogo se deu a partir de um prefácio escrito pela tradutora responsável pelo trabalho, Paloma Martinez-Cruz, professora assistente de Estudos de Cultura e Literatura Latina na Universidade de Ohio. Já em francês, isso ocorreu por meio de notas de rodapé que funcionaram como comentários ao longo da obra de Evaristo (VALENTE, 2015, p. 302-307).

Nesse sentido, a versão em inglês de *Ponciá* contou com seis páginas a mais, escritas pela tradutora e não por Evaristo. Nesse texto, Paloma Martinez-Cruz tentou contextualizar termos e alusões brasileiras que poderiam não ser facilmente compreendidos por leitores que não vivenciaram esse contexto. A escolha em trazer essas informações no prefácio foi justificada pela tradutora, em entrevista à Valente (2015), como alternativa para evitar constantes interrupções na narrativa, por meio de notas.

O primeiro movimento do prefácio de Martinez-Cruz é apresentar algumas informações sobre as características da escrita de Conceição Evaristo e do romance em questão, traduzindo para o inglês algumas informações trazidas no prefácio do romance em português, escrito por Maria José Somerlate Barbosa (professora assistente do Departamento de Espanhol e Português na Universidade de Iowa). É possível perceber que a tradutora se preocupa em ressaltar a importância das questões raciais e sociais na escrita de Evaristo, apontando *Ponciá* como “*a unique celebration of Afro-Brazilian womanhood*”, “*a Black Atlantic libertatory project*”. (VALENTE, 2015, p. 303).

Assim, o prefácio na edição em inglês é usado pela tradutora como oportunidade de apresentar dados biográficos e declarações de Evaristo previamente fornecidas durante uma entrevista da autora com Elzbieta Szoka, sócia da editora Host. Segundo Valente (2018, n.p), fazem parte dessa compilação informações que “provavelmente não serão familiares ao leitores da tradução do romance”. É o caso de dinâmicas sobre candomblé, favelas e, o que a crítica considera fundamental, as condições em que foram assinadas a Lei do Ventre Livre e a Lei Áurea no Brasil. De fato, a contextualização de como surgiram tais dispositivos legais se faz eficaz para tentar evitar que haja um apagamento de aspectos importantes da história dos povos da diáspora africana no país (VALENTE, 2015, p. 303). A própria Martinez-Cruz deixa isso claro no prefácio em questão, a partir do trecho “*it is fitting to strive for the greatest possible inclusion here, rather than to risk silencing the Afro-Brazilian transmissions of meaning that are central to her story*” (na tradução para o português, “é oportuno se esforçar para a inclusão do máximo de informações possíveis aqui, em vez de correr o risco de silenciar as transmissões afro-brasileiras de significado que são centrais para sua história” (VALENTE, 2015, p. 303).

Ainda de acordo com o trabalho de Valente, a tradutora incluiu comentários sobre como as legislações citadas aboliram a escravidão, mas criaram, ao mesmo tempo, uma política que não considerava a categoria de raça no discurso da política do Brasil. Trata-se de uma realidade que transparece ao longo da narrativa de *Ponciá*, uma vez que a família da protagonista ainda sofre com os efeitos dos tempos de escravidão.

Já em relação aos paratextos na versão de *Ponciá* em francês, a cargo dos tradutores Patrick Louis e Paula Anacaona, Valente destaca a tradução de um discurso feito por Evaristo, na UFMG, em 2009, como forma de apresentá-la aos leitores europeus. O texto relata, a partir de uma linguagem carregada de sensibilidade e metáforas, a trajetória da autora, o envolvimento com questões raciais e aspectos de sua *escrivivência*. Para atender as especificidades da cultura brasileira presentes na obra, são usadas, por sua vez, 15 notas de rodapé distribuídas ao longo do livro. Uma destas notas é apresentada ao leitor ainda no prefácio. Isso ocorre para explicar o termo pardo — *couleur brune* — aos leitores que são alvo da edição. No comentário inserido, “pardo é então explicado como um adjetivo frequentemente usado no país para substituir a cor preta/negra” (VALENTE, 2015, p. 307).

Como a crítica observa, tradutores, em ambos os casos, se preocuparam em estabelecer um diálogo com os leitores por meio desses paratextos. São explicações que se fazem fundamentais para que leitores de culturas hegemônicas possam compreender termos com relação à vida da população mais pobre no Brasil.

Ao lado de Valente, Luciana de Mesquita Silva (2017) aponta a tradução de *Ponciá Vicêncio* como uma forma de permitir que determinados aspectos da cultura brasileira, antes encobertos na literatura, ganhem atenção além das fronteiras. Isso garante “visibilidade a grupos que a história por muito tempo excluiu ou apresentou de maneira estereotipada, conveniente aos relatos hegemônicos” (SILVA; VALENTE, 2017, p. 151).

No artigo “Escritas afrofemininas em tradução”, as duas críticas literárias acadêmicas lançam um olhar para um paratexto que até então não havia sido citado — a capa do livro. Esse elemento traz a imagem de uma mulher negra moldando uma peça de barro. Trata-se, na visão das pesquisadoras, de um componente que pode auxiliar no direcionamento da leitura, ao fazer alusão ao trabalho com o barro feito por Ponciá e a mãe, quando ambas buscavam juntas formas de garantir renda para o sustento da família.

No mesmo trabalho, Silva e Valente (2017) também chamam atenção sobre o papel da tradução de partes do prefácio, escrito pela brasileira Maria José Somerlate Barbosa, na antecipação de questões importantes para a leitura que se tem como desejada da obra. O prefácio em inglês feito por Martinez-Cruz, conforme as pesquisadoras, insere explicações sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que faz uma avaliação positiva da obra, ao comparar, sob alguns aspectos, Evaristo com autores consagrados na literatura brasileira, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa (SILVA; VALENTE, 2017, p. 153). São considerações válidas, uma vez que têm potencial de esclarecimento para leitores não brasileiros e se amparam em uma literatura nacional com reconhecimento fora do país. Isso pode conferir peso, ou, ao menos, curiosidade em relação à obra em questão.

#### 4. SIGNIFICAÇÕES SOB RISCO

De fato, o prefácio do tradutor ou notas inseridas por ele como paratextos podem ter um efeito significativo na maneira de guiar a leitura do público. Entretanto, não são garantia de que o sentido que o autor idealizou para seu texto será respeitado ao longo de toda a tradução. É o que aponta a crítica Rosângela de Oliveira Silva de Araújo (2010), em trabalho publicado nos *Cadernos Imbondeiro*, em João Pessoa. Ela observa que a antecipação de alguns aspectos culturais no prefácio em inglês, de Martinez-Cruz, não impede que referências culturais brasileiras sejam impactadas com a tradução de *Ponciá Vicêncio*.

Em seu texto de introdução ao romance, a tradutora, Paloma Martinez-Cruz, confessa não apenas que negou parcialmente o acesso do leitor estadunidense à cultura afro-brasileira, como também mostrou estar a serviço da cultura hegemônica integrando elementos culturais ao texto da cultura de origem. Desta forma, a tradutora doméstica, algumas vezes, o texto fonte e, ao fazê-lo, implicitamente promove uma recusa pelo elemento estrangeiro e contribui para a formação de identidades culturais. (ARAÚJO, 2010, p. 04).

Para sustentar essa análise, Araújo (2010) cita algumas passagens do romance que sofreram mudanças de sentido com a tradução para o inglês. É o caso dos termos “homem de Ponciá”, “barraco” e “patroa”, que, na interpretação de Araújo, apresentam uma nova ideologia ao terem, nos fragmentos analisados, o significado determinado pelas palavras *husband*, *little house* e *employer*, respectivamente. Essas escolhas, segundo ela, desconstroem significantes importantes para o contexto em que a narrativa ocorre e interferem no sentido que tal leitura poderá ter.

No primeiro fragmento, “*O homem de Ponciá Vicêncio remexeu-se na cama*” (p. 53) (*Ponciá Vicêncio’s husband shifted in their bed*, p. 48), percebemos a opção da tradutora em traduzir “homem” por “husband” (marido), ou seja, a tradutora institucionaliza a relação da personagem Ponciá com o homem. Com a escolha desse vocábulo, ela promove a destruição das redes de significantes subjacentes, quando consideramos a importância da conservação do significante “homem de Ponciá” para a narrativa. Que ideologia subjaz tal ato de domesticação? Ao negar ao público-alvo a informação como se apresenta no texto fonte, a rede de significados que este público construirá estará, inevitavelmente, em desacordo com os propósitos do texto fonte. (ARAÚJO, 2010, p. 04).

A crítica também questiona se essa escolha, no caso da palavra *husband* para traduzir “homem de Ponciá”, estaria no fato do público leitor em inglês não se sentir confortável com a insinuação de uma união não oficial. Ela sugere que a realidade da personagem, que vive um relacionamento sem o aval da igreja ou qualquer órgão oficial, poderia causar certo constrangimento em um país puritano.

Assim, os fragmentos observados por Araújo (2010) no livro traduzido vão revelando mais modificações na obra fonte de Conceição Evaristo. “[...] à palavra *barraco* é dada a tradução de *little house*. Há uma quebra de equivalência que gera um empobrecimento do significante ‘barraco’ que carrega em si uma carga semântica” (ARAÚJO, 2010, p. 05). A crítica assinala que, como o termo era denunciador da condição social de Ponciá, tal escolha implica um afastamento das intenções da autora na frase “[j]untando dinheiro para comprar um barraco”.

Esse aspecto é argumentado por Araújo (2010) em relação à tradução do fragmento “Mas como dizer para a patroa?”, que se tornou “*But how would she tell employer?*”. Ela salienta que, em português, conforme o dicionário Aurélio, patroa é o tratamento conferido a uma senhora por pessoas em condição social inferior. A palavra considera toda a relação de desigualdade que envolve a protagonista e a mulher que a emprega, indicando um sentido negativo e que faz parte da cultura brasileira. Ao ignorar isso, no entanto, a tradutora estaria optando por generalizar o termo e afastar o sentido conotativo que o termo “patroa” recebe (ARAÚJO, 2010, p. 05).

## 5. PREFÁCIOS E INTENÇÕES

Como citado anteriormente, paratextos editoriais criados por tradutores não foram alvo dos estudos de Genette (2009). Ainda assim, prefácios e notas de rodapé desenvolvidos por quem traduziu uma obra para outro idioma apresentam os mesmos pontos que o teórico reuniu para definir tais elementos no âmbito do livro. É o caso do lugar de criação, a data de aparecimento, modo de existência, função, destinador e destinatário (GENETTE, 2009, p. 12).

Na prática, o que vai distinguir um paratexto criado por um tradutor de um paratexto do livro original são elementos referentes ao tradutor e à tradução contidos nessa nova edição. De acordo com a pesquisadora Teresa Dias Carneiro (2014), que analisou mais de 300 prefácios de obras traduzidas do francês para o português em sua tese de doutorado, textos de prefácios escritos por tradutores contêm muitas justificativas e desculpas, algo típico de quem já fez a tradução e não que ainda irá fazê-la.

Muitas vezes o tradutor se desculpa para não ser condenado, assumindo sua culpa antes mesmo de ser julgado, grita logo antes que o esfolem. Isso faz com que o ímpeto da crítica negativa fique apaziguado ou reduzido pela *mea culpa* de antemão feita pelo tradutor. É como se este dissesse: “ninguém precisa me julgar,

eu mesmo já me condeno”. Ocorre uma situação paradoxal, o discurso exculpatório do tradutor pode não corresponder em absoluto ao que ele pensa de seu trabalho. Seria improvável que um tradutor se expusesse a escrever um prefácio se julgasse, de verdade, que fizera um trabalho pífio. O que vemos, portanto, são meros exercícios retóricos que não necessariamente correspondem às ideias e crenças verdadeiras dos tradutores. (CARNEIRO, 2014, p. 78).

Amparada por Cristina Carneiro Rodrigues (2010), a autora assinala que a maioria dos tradutores tende a construir um discurso de acolhimento do escritor em seus prefácios. Contudo, no decorrer da tradução da obra, os mesmos prefácios e notas começam a mostrar tensão entre o que foi dito e o que não foi realizado pelo tradutor. Com isso, há momentos de ruptura, em que o autor estrangeiro é questionado ou negado (CARNEIRO, 2014, p. 81).

Assim, de modo geral, prefácios de tradutores estão divididos em dois grupos: os que tratam da tradução — geralmente comentários sobre dificuldades encontradas — e os que não tratam desse aspecto. Nesse último caso, esses textos oferecem mais informações sobre autor e obra, como se o tradutor fosse especialista e assumisse um caráter didático em relação a estes dois elementos. Desta maneira, o profissional em questão assumiria papéis de tradutor, historiador e crítico (CARNEIRO, 2015, p. 118).

Nesse contexto, o prefácio de *Ponciá Vicêncio* em inglês transita pelos dois grupos a partir da tradução de informações contidas no prefácio do livro original, escrito por Maria José Somerlate Barbosa, em 2006, e impressões de Paloma Martinez-Cruz, em 2007. É como se o texto fizesse força para ser enquadrado em um prefácio sobre autora e obra, mas, no fundo, não deixasse de ser um texto sobre a tradução. Sua função ali seria destacar aspectos culturais e históricos como questões importantes encontradas durante a tradução e que precisariam ser assimiladas pelo leitor. Tal situação pode ser melhor identificada ao final do prefácio, quando a tradutora cita a linguagem usada no livro, adotando um olhar equivocadamente sobre a oralidade presente na escrita de Conceição Evaristo (VALENTE, 2013, p. 106).

Minhas últimas considerações dizem respeito à tradução do estilo e do tom na escrita feminina e negra brasileira. Para um público leitor de língua inglesa, é importante compreender que uma leitura falada do original em português brasileiro imediatamente informaria ao público que o "sotaque" do romance transmite uma relação controversa e marginal com o uso convencional do Português Brasileiro. Embora um leitor brasileiro possa reconhecer imediatamente a linguagem do romance como pobre e negra, a busca de uma terminologia semelhante entre as comunidades negras dos Estados Unidos, ou a imposição de um determinado sotaque regional produziriam um efeito forçado, provinciano e datado, assim optei por usar um inglês mais padrão do que seu homólogo em português. (EVARISTO, 2007, p. vi).

Foi dessa maneira que o romance *Ponciá Vicêncio* assumiu, com tais elementos paratextuais, uma roupagem que permitiu sua entrada no novo sistema meta.

## 6. CONCLUSÃO

Elementos produzidos por tradutores e que passam a acompanhar livros que até então circulavam apenas na língua nativa do autor precisam ser compreendidos como pertinentes à história do livro. A justificativa para isso está, como teorizou Walter Benjamin (1994) em *A Tarefa do Tradutor*, no fato de que a tradução surge como um fator de sobrevida aos originais. Há de se aceitar, no entanto, que, assim como o texto está sujeito a transformações de tom e significação com o passar dos séculos, também está sujeito a interferências da língua materna do tradutor. “Só nos resta admitir que toda a tradução não passa de uma maneira um tanto provisória de se explicar com a estranheza das línguas.” (BENJAMIN, 1994, p. 56 apud CARNEIRO, 2014, p. 67).

Dessa forma, os paratextos da obra de Conceição Evaristo traduzida para o inglês e o francês discutidos pela crítica acadêmica servem para mostrar não só como se revestem textos originais fora do Brasil, mas como isso pode influenciar a recepção e o sentido dessas traduções. É certo que a inclusão de determinados elementos pode ser mais discreta, como o uso de notas de rodapé que direcionam a leitura — caso da

tradução para o francês —, principalmente por estarem diretamente ligadas ao texto do autor. Isso é diferente de adotar novos prefácios, como ocorreu na versão de *Ponciá* em inglês, ou, ainda, com um prefácio de um discurso de Evaristo traduzido, na versão francesa. O texto, convém ressaltar, até então não fazia parte de suas obras literárias publicadas.

Portanto, a avaliação sobre o papel dos prefácios na tradução do livro em questão merece um olhar ponderado. Mais especificamente no caso da obra em inglês, por um lado, há a possibilidade de antecipar discussões fundamentais à compreensão da obra, sem a necessidade de interromper o leitor com notas explicativas ao longo da leitura. Por outro lado, nota-se, mais adiante, que o prefácio de Paloma Martinez-Cruz não resolve todas as dificuldades de tradução com as quais ela pode ter esbarrado em seu trabalho.

É preciso concordar com Araújo (2010) que o entendimento de aspectos da cultura brasileira em *Ponciá Vicêncio* foge à antecipação de algumas questões pela tradutora. Por mais que tenha existido uma tentativa de introduzir um contexto aos leitores de Evaristo fora do Brasil, pontos de ordem linguística evidenciam o quanto a tradução dessa obra para o inglês ainda carrega uma posição “domesticadora”. Em vez de reconstruir a cultura afro-brasileira, Martinez-Cruz ainda segue presa a tendências deformadoras da tradução, em uma espécie de americanização da cultura fonte.

Assim, a tradução para o francês, com notas, tenta contornar tais dificuldades de uma maneira mais discreta. Nessa empreitada, o ponto positivo da estratégia dos tradutores da Anacaona foi acrescentar ao livro um texto sobre Conceição Evaristo escrito pela própria Conceição Evaristo. Deixamos, no entanto, para estudos futuros uma análise minuciosa da tradução em francês para averiguar se os sentidos presentes ali foram amplamente mantidos ou não.

Independente disso, é possível concluir que os paratextos criados por tradutores constituem um elemento rico para a análise da crítica literária, e de aspectos da recepção de obras brasileiras mundo afora.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela de Oliveira Silva de. *Referências culturais na tradução do romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo*. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

BARBOSA, Maria José Somerlate. "Prefácio". In EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

BERND, Zilá. *O que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Teresa Dias. *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*. Tese (Doutorado). 399 p. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

\_\_\_\_\_. Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 113-127, 2015.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CÔRTEZ, Cristiane. "Diálogos sobre escrevivência e silêncio". In DUARTE, Constância L.; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. (Org.). *Escrevivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lammourette*. Mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo*. 2009. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em 19 de julho de 2019.

\_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Trad. Paloma Martinez-Cruz. Texas: Host-Publications, 2007.

\_\_\_\_\_. *L'histoire de Poncia*. Trad. Paula Anacaona e Patrick Louis. Paris: Éditions Anacaona, 2015.

GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Trad. Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Prefácios e notas do tradutor: tensão e acolhimento na relação com o outro. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, n. 20, Ano 2010, p. 47-59.

SILVA, Luciana de Mesquita; VALENTE, Marcela Iochem. “Escritas afrofemininas em tradução: *The color of terderness* e *L’histoire de Poncia*”. *Revista Translatio: Tradução e Diásporas Negras*. Porto Alegre, n. 13, junho de 2017.

VALENTE, Marcela Iochem. “O paratexto do tradutor como importante elemento para a inteligibilidade da obra traduzida: o caso de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo”. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 293-310, 2015.

\_\_\_\_\_. *A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo e sua tradução para o inglês. 163 p. Tese (Doutorado) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

\_\_\_\_\_. “Algumas considerações sobre tradução e negritude em *Ponciá Vicêncio* e *A Raisin in the Sun*”. *Portal Literafro*, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/197-algumas-consideracoes-sobre-traducao-e-negritude-em-poncia-vicencio-e-a-raisin-in-the-sun-critica>>. Acesso em 26 de junho de 2020.

Recebido em: 21/11/2019

Aceito em: 31/05/2020